

**JOÃO DE DEUS, O SANTO DE MONTEMOR E
GRANADA,
NO 5.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO,
VISTO ATRAVÉS DA OBRA DO SEU BIÓGRAFO,
FREI ANTÓNIO DE GOUVEIA (MADRID, 1624)**

Manuel Cadafaz de Matos
*Centro de História da Cultura
Universidade Nova de Lisboa*

De entre os santos portugueses que mereceram maior reconhecimento e aclamação, tanto num plano nacional como internacional, S. João de Deus é um dos consagrados.

Ficou a dever-se-lhe, porventura como sua coroa de glória na Terra, a fundação da Ordem Hospitaleira. A sua acção social e piedosa situa-se porém muito para lá desse gesto.

As múltiplas biografias deste santo publicadas desde o século XVI até hoje permitem uma leitura, tão objectiva quanto possível, dessa sua acção. O seu primeiro biógrafo, Mestre Francisco de Castro, teve ensejo de publicar em 1585, em Granada (cidade a que, como é sabido, ficou imorredouramente ligado o taumaturgo português), o primeiro trabalho histórico conhecido sobre o mesmo¹.

¹ Mestre Francisco de Castro [Reitor do... hospital de S. João de Deus, de Granada], *Historia de la Vida y Sanctas Obras de Iuan de Dios, y de la institucion de su orden, y principio de su hospital*, Granada na ofic. de António de Librixa, Ano de M.D.LXXXV. Esta obra e edição foi objecto de reedição em fac-simile, em Córdova, em 1995, numa iniciativa de Publicaciones Obra Cultural Cajasur. A realização deste fac-simile, que conta com uma nota introdutória de Miguel Castillejo Gorraiz, foi inspirada, entre outros motivos, pela recente descoberta de um novo exemplar da edição original (dado o número restrito daqueles que são até agora conhecidos). Estando no último quartel do século XVI o hospital de S. João de Deus, em Granada, em estreita dependência, estamos certos, do arcebispado dessa mesma cidade, é compreensível que o reitor dessa unidade de assistência, Mestre Francisco de Castro, tenha dedicado o seu livro ao Arcebispo de Granada, D. João Mendes de Salvaterra. Esse facto legitima que

1. A biografia da responsabilidade de Celi e alguns problemas que suscita

A segunda biografia do santo ficou a dever-se a Frei Dionísio Celi. Pairou até há pouco, entre os estudiosos que se dedicam regularmente a pesquisas joandeínas, uma série de interrogações sobre essa mesma obra que, contrariamente ao que o seu título induz, não é uma utilização *pari passu* do texto de Mestre Francisco de Castro. Reconhecendo-se que é uma obra com autonomia e ritmos de narração próprios, as dúvidas residiam substancialmente na edição da mesma (chegando até a pôr-se em questão que alguma vez tivesse sido impressa).

Comemorando-se em 1995 o quinto centenário do nascimento de João Cidade —nome de baptismo que mais tarde viria a ser abandonado optando por João de Deus— em Montemor-o-Novo, os vários trabalhos produzidos e publicados por ocasião de tal evento permitiram o aparecimento de algumas novidades. Uma das de peso mais significativo foi precisamente a descoberta da edição original do texto de Frei Dionísio Celi, considerada a segunda biografia do santo português, impressa em Burgos na Oficina de Ioseph de Mena, em 1621².

Não é totalmente pacífica a data precisa em que saiu dos prelos de Joseph de Mena, em Burgos, aquela obra, dividindo-se alguns investigadores da temática joandeína entre 1618 e 1621. Cremos no entanto, por prudência, dever optar pela segunda daquelas datas, seguindo as conclusões de José Sánchez Martínez, O. H., reputado hoje internacionalmente como um dos mais seguros investigadores desta temática.

Martínez, autor de um abalizado trabalho no contexto da presente década sobre S. João de Deus, publicou na edição da sua obra, ser sua

na portada de tal livro surjam impressas as armas deste dignitário da Igreja castelhana, onde se insere a seguinte inscrição: «HAEC REQUIES MEA/ IN SECVLVM SECVLI».

² [Frei Dionísio Celi], *Miracvlosa Vida y Santas Obras del Beato Patriarca Iuan de Dios Lusitano, fundador de la sagrada Religion que cura enfermos. Compuesta por el Maestro Francisco de Castro. Aora nuevamente añadida y enmendada por un Religioso de la misma Orden*. [Gravura de madeira com a Cruz do martírio e ostentando as seguintes inscrições: «INRI»; «B. IUAN DE DIOS»; «CHARITAS»; [Mediante la caridad ansi se enlaçan los dos (Cristo e o santo português)...], En Burgos, en casa de Ioseph de Mena, 1621. Desta histórica edição também foi feita em 1995 uma reprodução, em policópia, numa iniciativa da instituição espanhola Fundación Juan Ciudad.

convicção que tal biografia foi, de facto, originariamente impressa em 1621³.

Esta obra publicada por Celi apresenta a particularidade de inserir no início uma *Carta que el ilustrissimo señor don Fray Ale[í]xo de Meneses Arçobispo de Braga, embiò al Padre Fray Dionisio Celi, siendo Prior en Granada*, datada de Madrid em 16 de Março de 1617.

Nessa epístola o religioso português afirma, designadamente:

*A sua Carta me foy dada, e estimo muyto à deligencia q[ue] fas, en que acabe o libro do nosso Santo Portugues Joã[o] de Deus, porque sou muyto seu deuoto; è quando me mostrò[u](?) o principio desta obra me folguey então, quanto mays agora que està acabada, dépressa porque se acabe de emprimir; para consolação e alégria do nos[s]o bon Portugal [...]*⁴.

Este extrato surge precisamente antes da dedicatória, pelo mesmo autor, da sua obra ao Geral da Ordem Hospitaleira, Frei Pedro Egipcíaco. Ele prova, acima de tudo, que em Março de 1617 já tinha sido iniciada — em virtude da expressão «se acabe de imprimir» — a composição tipográfica desta obra. A conclusão dos mesmos trabalhos só terão sido terminados, porém, o mais provavelmente, em fins de 1620, ou já em começos de 1621.

2. António de Gouveia, frade agostinho biógrafo do santo seu compatriota

É compreensível, pelo facto de a vida de S. João de Deus ter decorrido sobretudo em Castela, que as duas primeiras biografias do taumaturgo tenham sido produzidas e publicadas naquele Reino. Ficou a dever-se, no entanto, a um português, Frei António de Gouveia, em inícios do século XVII, o moroso trabalho de compilação de algumas

³ José Sánchez Martínez, O. H., «*Kénôsis-Diakonia*» en *el itinerario espiritual de San Juan de Dios*, Madrid, Comissão do V Centenário do nascimento de S. João de Deus, 1995, 444 págs. Sánchez Martínez, nessa sua obra, publica entre pp. 42 e 43 o fac-simile da folha de rosto dessa obra e edição (descoberta por Juan Larios) existente na Biblioteca Nacional de Madrid. O facto de na própria capa dessa reprodução recente da obra de Celi (a que fizemos alusão na nota 2) se apresentar a menção do local e data «Burgos, 1618» — e apresentando-se aí a própria folha de rosto emendada à mão apenas no respeitante à data (para aquele ano de 1618) — cremos, apesar disso, poder continuar a aceitar, por mais segura, a indicação temporal de 1621 para esta segunda biografia do santo, por Celi, proposta por Sánchez Martínez.

⁴ Frei Dionísio Celi, *Miraculosa vida...*, 1ª ed., fl. [*2].

das fontes já então em circulação (designadamente as utilizadas por Celi) que, com outros elementos biográficos já publicados, deram corpo à *Vida y muerte del bendito P. Iuan de Dios Fundador de la orden de la hospitalidad de los pobres enfermos*⁵, publicada em Madrid em 1624, poucos anos depois da impressão da segunda biografia.

Questão sobre a qual nos temos detido em relação a esta biografia do autor português, é a das linhas de *coincidência* e de *desvio* presentes neste trabalho de Frei António de Gouveia em relação aos outros perfis biográficos atrás referenciados.

Por um lado são bastante notórias as linhas de filiação do seu texto sobretudo em relação ao de Mestre Francisco de Castro. Importa demarcarem--se, no entanto, para se poder também aquilatar de algumas novidades vindas a lume nesta obra de Gouveia.

Aspecto que reputamos de fundamental é a inserção, na obra deste biógrafo de dados sobre S. João de Deus constantes do respectivo processo de beatificação. Há nele, a partir do momento em que toma conhecimento destes últimos elementos, uma preocupação em completar fundamentalmente a obra da autoria de Francisco de Castro.

A utilização desses novos elementos não deixa, porém, de colocar aos estudiosos alguns problemas a tal respeito, que são sintetizados por Sánchez Martínez. Regista este, a propósito, que sendo publicada tal biografia pelo português em 1624, não deixa de se verificar, no entanto, que «em Junho de 1623 ainda se estava a trabalhar no *Processo Ordinário*, cuja consulta, dada a sua considerável extensão, exigia naturalmente bastante tempo»⁶.

Colocando-se o problema nestes termos, não deixaremos de nos interrogar hoje sobre os seguintes factos: não começando o processo se-

⁵ Frei António de Gouveia, *Vida y muerte del bendito P. Iuan de Dios Fundador de la orden de la hospitalidad de los pobres enfermos*, Al Exmo. Sr. D. Duarte, Marques de Frechilla D. F. Antonio de Gouvea obispo de Cirene visitador Apostolico en Persia del Consejo de su Magestad y su Predicador por la Corona de Portugal, Madrid, Por Thomas Iunti Impressor del Rey M.DC.XXIII. (223 fólhos). No mesmo ano em que saiu em Madrid esta obra, foi impressa em Lisboa, no prelo de Geraldo da Vinha, um outro importante livro de espiritualidade. Tratou-se da *Doutrina Christãa*. Composta pelo P. Marcos Iorge da Companhia de Iesu Doutor em Theologia. Acrescentada pelo Padre Ignacio Martinz da Mesma Companhia Doutor Theologo. De novo traduzida na lingoa do Reyno de Congo, por ordem do P. Matheus Cardoso Theologo, da Companhia de Iesu.

⁶ Sánchez Martínez, *op. cit.*, pp. 45-46.

não em 1625 como é que o respectivo autor da obra poderá ter-se servido dos dados do mesmo, considerar irrefutáveis e fieis as informações nele contidas e, finalmente, publicar elementos dele constantes?

A nossa leitura para este facto só pode advir da hipótese de o impressor Thomas Iunti ter decidido —ou aceitado eventual proposta de Gouveia nesse sentido— colocar na folha de rosto da obra a menção 1624, quando esta, pelas razões atrás aduzidas, só poderá ter tido a impressão terminada ou no segundo semestre de 1625 (se não mesmo já nos primeiros dias de 1626).

Já na primeira metade do século XVII os intelectuais ou investigadores pretendiam chamar a si o primado da descoberta, os louros de serem os primeiros a trazer à luz do público determinadas notícias ou factos considerados de *novidade*. Não andaremos decerto muito longe da verdade se estabelecermos uma relação de causa e efeito entre o fervor patriótico de António de Gouveia em relação a um português ilustre e a sua preocupação em ser — em Castela, mas também em Portugal (à altura sob uma mesma coroa)— o primeiro a revelar elementos do processo de beatificação do santo.

A forma encontrada, no tempo, poderá muito bem ter sido fazer sair a sua obra ainda com a data de 1624, nas primícias do referido processo. Era uma forma, afinal, de se antecipar a que outros autores lhe *roubassem* esse primado da descoberta.

Torna-se necessário ler hoje os dados constantes de Gouveia e de Celi com um natural *distanciamento*. Poderemos dar o exemplo da inserção, na referida segunda biografia do santo, por parte de Celi, da já aludida dedicatória da obra a Frei Pedro Egipcíaco. Sendo tal obra editada em 1621 — atendendo à proposta de Sánchez Martínez— como se justifica que ainda aí figure a dedicatória a alguém que já não desempenhava tais funções? Registe-se que Frei Pedro Egipcíaco deixara de ser Geral da Ordem em Outubro de 1620⁷.

2.1. Recolhas de Gouveia a partir de Celi: dois textos em confronto

É hoje um facto incontestado que Frei António de Gouveia se serviu também de dados biográficos sobre S. João de Deus —para além dos

⁷ Joseph Magliozzi, *San Giovanni di Dio, narrato dal Celi*, Roma, 1993, p. 7.

recolhidos da obra de Francisco de Castro— constantes da obra de Celi. Sánchez Martínez põe clareza e concisão nesta matéria ao explicitar:

*É muito estranho que Gouveia não cite em absoluto a biografia de Celi, publicada [pouco] ante, nem sequer na pequena bibliografia de autores que tinham escritos sobre o santo, que o mesmo Gouveia reúne. Afirma e repete que depende de Mestre Francisco de Castro e das informações do processo de beatificação. Acabamos por encontrar no entanto, na biografia de Gouveia dados que não aparecem nem em Castro nem no processo e que só podem ter por si sido tomados da biografia de Celi*⁸.

Aquele investigador faz prova, a esse respeito, das seguintes passagens. Apenas em Celi, antes de Gouveia, se pode encontrar a comparação do abandono da casa paterna pelo menino João Cidade, na vila alentejana de Montemor-o-Novo, com a do patriarca Abraão⁹. Numa outra passagem —que também não aparece nem em Castro nem no aludido processo— regista Celi:

[...] era muy deuoto de la Virgen santissima Maria, todos los dias de mañana tenia cuydado de rezarle ... veinte y quatro Paternostres y otras tantas Avemarias, ofreciendo esta deuoción a los veynte y quatro años que la Virgen santissima viuiu en el mundo, después que nuestro Redentor padeció y murió....

Frei António de Gouveia mais não faz, com efeito, do que repetir este texto (dando-lhe embora, aqui e ali, outros cambiantes):

[...] fue desde su niñez deuoto de la Virgen nuestra Señora... Rezaba cada dia... veinte y quatro vezes el Paternoster con otras tantas Auemarias, en memoria de los veinte y quatro años que la soberana Virgen passó... en esta vida, después de la subida de su hijo... al cielo...¹⁰.

Poderá o leitor tirar as suas próprias conclusões destas tão evidentes afinidades.

3. Caracterização de uma leitura de o Barroco no texto gouveano

A simplicidade (e até a *loucura*) protagonizadas no século XVI por João Cidade provocou, no período do Barroco, um certo incómodo na

⁸ Sánchez Martínez, *op. cit.*, p. 46, n. 76.

⁹ Vide Celi, *op. cit.*, fl. 2 vº; e Gouveia, *op. cit.*, fl. 4vº.

¹⁰ A passagem de Celi in *op. cit.*, fl. 3vº; a de Gouveia, in *op. cit.*, fl. 7.

Península, para não dizer mesmo *vergonha*, por parte daqueles que sagravam —ou até estudavam— a obra de S. João de Deus. Tornou-se necessário assim, para os seus biógrafos, apresentá-lo com outra roupagem.

Não restam hoje dúvidas que «os critérios do itinerário barroco [do santo] foram estabelecidos por Celi»¹¹. Foi, porém, Frei António de Gouveia que os consolidou e, sobretudo, os veio a enriquecer de uma forma definitiva.

Mestre Francisco de Castro havia procurado, para o título da sua biografia hagiográfica, dizeres que retivessem a ideia de alguma objectividade: *Historia de la vida*.

Celi por seu lado, reflectindo já um significativo desvio, em termos de paradigma de linguagem —tão característico aliás de escritores do Barroco— opta, em termos já um tanto fantasiosos, por *miraculosa vida*.

O problema dos milagres (sobrecarga ou a ausência deles) realizados em vida por João Cidade, não deixa de nos colocar ante um outro problema, o do *ficcionar* —a partir da crença e de arreigados valores da fé— a própria realidade.

Gouveia procura tecer o entrecho da sua biografia introduzindo —sobretudo a partir de Celi, mas também dos já aludidos novos elementos que cria— um *novo* «sentido de glória, de glorificação e maravilhas» do santo. Estes novos atributos o biógrafo fá-los nascer «por meio de aparições, milagres e prodígios»¹².

Estamos uma vez mais de acordo com Sánchez Martínez quando regista que «muitos dos milagres tomados de Celi e admitidos por Gouveia, apenas figuram nas perguntas do interrogatório para o Processo Ordinário». Encontram-se hoje comprovadas duas aparições do santo, «que são as únicas que se admitiram no interrogatório para o Processo Apostólico»¹³.

¹¹ Sánchez Martínez, *op. cit.*, p. 95. Para uma análise da caracterização das estruturas literárias e artísticas do Barroco português e castelhano, remetemos o leitor para diversos estudos, na especialidade da autoria de dois dos mais reputados investigadores neste âmbito, Aníbal Pinto de Castro, e (no país vizinho) Maraval e Eugénio d'Ors.

¹² Idem, *op. cit.*, p. 47.

¹³ Idem, *op. cit.*, p. 47, n. 79.

A forma *ficcional* seguida por Celi e reconhecida, em termos de uma *autoritas* textual pelo biógrafo português é, com efeito, um processo criativo que se desvia *do real* de Mestre Francisco de Castro (que tomara em conta, fundamentalmente, os factos históricos passíveis de comprovação).

Importa proceder-se, hoje, a um levantamento de alguns dos já aludidos *desvios* da realidade histórica ou, se se preferir, ao estabelecimento de um inventário de alguns dos factos que, por via de Celi, permitem a Gouveia construir uma realidade hagiográfica *virtual* em torno de S. João de Deus.

Desta forma é fácil concluir que —tendo ainda em linha de conta as duas únicas situações de aparição do santo ou de milagre atrás referenciadas— Celi faz intervir na sua narrativa «mais de cinquenta prodígios» do santo português, descobrindo «a grande importância destes para a glorificação de S. João de Deus»¹⁴, a finalidade que pretende, afinal, atingir.

É esse mesmo móbil da glorificação do santo seu compatriota que impulsiona, nestes seus escritos, Frei António de Gouveia. Ele procura assim —e consegue-o— reunir quase sessenta milagres ou feitos milagrosos do taumaturgo (grande número dos quais passaram para o terreno da iconografia joandeína), que descreve.

Os objectivos do cronista são assim, fundamentalmente, criar condições para a canonização do santo português. No prólogo da sua obra refere-se, aliás, a esse facto. Ele mesmo não é movido, ao que aí se constata, por outras razões de natureza mais transcendente. Tal como sublinha Martínez, o «exemplo» e a «glória de Deus» são perspectivados nessa parte da obra apenas em breve relance¹⁵.

Nesse mesmo prólogo, com efeito, Gouveia alude aos motivos que o induziram a escrever este seu livro:

El primero... era entender que como este bendito Portugués fue gloria de todos los que lo somos, así era razón que... alguno tomase la pluma y escriuiesse lo que redundasse también en gloria suya...

Quanto ao segundo desses motivos o mesmo biógrafo realça:

¹⁴ Idem, *op. cit.*, p. 96.

¹⁵ Idem, *op. cit.*, p. 97.

... *Quan justo será que estas marauillas sean manifestas al mundo para gloria de Dios, edificación de los fieles, confusión de los herejes...*

E estabelece, finalmente que

... *mas auiendo de ser tanto em fauor de la Canonización del sieruo de Dios... [com o qual] va declarado el motivo principal...*¹⁶.

4. Técnica e inovação no discurso

No que respeita à técnica e inovação no discurso, torna-se fácil concluir que tanto Celi como Frei Antonio de Gouveia não são historiadores de grande mérito. Também neste passo estamos de acordo com Martínez¹⁷.

Quer Celi quer Gouveia como que progridem, no seu discurso, à sombra do texto escrito por Mestre Francisco de Castro. Os dois autores seiscentistas não evidenciam, com efeito, em praticamente toda a obra (de cada um deles), grandes rasgos de genialidade.

O grande problema que hoje —distanciadamente— se nos coloca é, porém, o da *permanência* real ou virtual, nessas duas biografias do século XVII, desse santo biografado no período de quinhentos por Castro.

Há, assim, toda a legitimidade e razão para Martínez poder formular esta questão a todos os títulos pertinente: «neste contexto barroco, pode o João de Deus, de Castro, continuar a ser o mesmo? O caminho interior traçado por Castro pode continuar a ser o mesmo neste contexto de milagres e prodígios?»¹⁸. É evidente que não.

Comparemos agora um aspecto da descrição de Frei António de Gouveia, em relação aos passos da vida do santo, tomando-o em comparação com a descrição de Mestre Francisco de Castro. Analisaremos o facto da sua queda da égua na região de Fuenterrabia.

Castro havia registado a este respeito:

se hincó de rodillas, los ojos puestos en el cielo, inuocando el nombre de nuestra Señora la virgem María, de quien siempre fue

¹⁶ A. de Gouveia, *op. cit.*, folhas preliminares n/n. Esta passagem é também referenciada por S. M., in *op. cit.*, p. 97.

¹⁷ Sánchez Martínez, *op. cit.*, p. 98.

¹⁸ Idem, *ibidem*.

deuoto, començó a dezir: Madre de Dios, sed en mi ayuda y fauor y rogad a vuestro sancto hijo me libre deste peligro en que estoy, y no permita que sea preso de mis enemigos. Esforçose algùn tanto y tomando un palo en las manos... con que se ayudaua a andar, se fue poco a poco...

Para se aquilatar —em termos de genealogia do texto— do grau de utilização por parte de Gouveia desta mesma passagem de Castro, registre-se que o português escreveu:

*... su Princesa y Señora nuestra que, si bien en traxe pastoril, se le apareció tan resplandeciente y hermosa...*¹⁹.

Não deixaremos de constatar um estreito parentesco entre ambas as passagens, mesmo que na descrição gouveana a Virgem se encontre *adornada* de uma indumentária caracterizadamente barroca. Gostaríamos de fazer alusão, ainda, ao facto de no texto citado de Castro a figura do pobre com bordão apelar —consciente ou inconscientemente no autor— para a figura do peregrino que, movido pela fé, já nesse período de quinhentos se deslocava, com tão reconhecida exiguidade de meios por terras da Península em direcção aos santuários de Santiago de Compostela ou de Nossa Senhora de Guadalupe.

No que respeita a este segundo templo importam referenciarem-se aqui algumas das ligações —mesmo que já ficcionadas no texto de Frei Dionísio Celi (e uma vez mais utilizado por Frei António de Gouveia)— de S. João de Deus com o mesmo.

Em Guadalupe, com efeito, a Virgem dá a S. João de Deus o Menino Jesus e uns panos para que aquele aprenda a vestir os pobres; na capela do Sacrário, a Virgem e S. João põem-lhe [na cabeça] uma coroa de espinhos, anunciando-lhe espinhos e dores; ao lavar os pés, na figura de um pobre, este lhe assegura que ele receberá o que aos pobres faz²⁰.

Estas passagens permitem, de novo, aquilatar de como o texto barroco gouveano é uma continuidade legítima, em termos ideológicos

¹⁹ A passagem de Castro figura in *ed. cit.*, fl. 3; a de Gouveia in *ed. cit.*, fl. 8vº.

²⁰ Estas passagens encontram-se em Celi, *op. cit.*, fls. 35, 40 e 41vº; e, de igual modo, em Gouveia, *op. cit.*, fls. 45, 54vº e 55vº. Sánchez Martínez tem, assim, toda a legitimidade para referir in *op. cit.*, p. 100, n. 100 —transcrevendo estas passagens— que «em todos estes milagres [os respectivos autores, Celi e Gouveia], não mencionam nem podem mencionar fonte histórica alguma». Isto só dá a dimensão, a nosso ver, e uma vez mais, do barroquismo dos textos de Celi e de Gouveia.

e formais, da expressão literária, enigmática e poliédrica, de Celi. Essas duas componentes literárias do barroco são afinal, na sua expressividade, menos objectivas e directas que a de Castro.

5. António de Gouveia. Alguns dados para a compreensão da sua obra bibliográfica

Torna-se necessário para uma compreensão, tão rigorosa quanto possível, da obra que se publica em 1996 na sua primeira versão em língua portuguesa, estabelecerem-se também alguns traços gerais, mesmo que obrigatoriamente sumários, sobre a obra bibliográfica do respectivo autor, Frei António de Gouveia, nomeadamente para além da biografia de S. João de Deus.

Havendo já contributos esparsos para uma biografia (também sumária) deste padre agostinho, ficar-nos-emos por um apelo para que um especialista, que conjugue capacidade de entendimento do orientalismo português e da cultura missionária seiscentista, proceda, tão cedo quanto possível, ao estabelecimento de um exaustivo levantamento sobre a vida e a obra desta fascinante figura²¹.

²¹ O biógrafo que levar a cabo tal empresa, deverá ter em linha de conta algumas das principais obras e estudos que, sobretudo desde meados do século XVII, têm vindo a ser consagradas ao frade agostinho. É o caso de Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, tomo I, 1741, pp.289-291, onde se procedeu a uma perspetivação global da vida e obra de Frei António de Gouveia. De utilidade, também, as referências feitas a este autor in *Biblioteca Hispana Nova sive Hispanorum Scriptorum qui ab Anno MD. ad... Tomus Primus*, Madrid MDCCLXXIII. Obras essenciais para a compreensão do perfil intelectual de Frei António de Gouveia são as intituladas *Jornada do Arcebispo*, Coimbra 1606 [que tem em anexo *Synodo Diocesano da Igreja d'Angamale e Missa de que usam os antigos christãos de S. Tomé*], trabalho esse que recentemente beneficiou duma nova edição por parte do Pe. Joaquim O. Bragança; bem como a *Relação em que se tratao as guerras e grandes vitorias que alcançou o grande Rey da Persia Xá Abbas do grão Turco Mahometo, e seu filho Amethe as quaes resultaraõ das Embaxadas que por mandado delRey Felipe II de Portugal fizeraõ alguns Religiosos da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho à Pérsia.*, da responsabilidade do mesmo frade agostinho, impressa em Lisboa, na oficina de Pedro Craasbeck, em 1611. Alguns passos fundamentais para a compreensão da acção gouveana sobretudo em terras do Oriente como a Pérsia, encontrá-las-á o leitor in Roberto Gulbenkien, *L'Ambassade en Perse de Luís Pereira de Lacerda et des Pères Portugais de l'Ordre de Saint-Augustin, Belchior dos Anjos et Guilherme de Santo Agostinho, 1604-1605*, Lisboa, 1972; *Idem*, «O Padre António de Gouveia e a Autoria da Breve Relaçam, de 1609 sobre a Pérsia», Paris, separata dos *Arquivos do Centro Cultural Português* da F. C. G., 1974; *Idem*, «Rapports entre Augustiniens et Dominicains

Creemos ser ainda útil ao leitor uma nótula bibliográfica onde se poderão constatar as várias edições de que beneficiou, um pouco por toda a Europa, sobretudo durante os séculos XVII e XVIII, esta biografia de S. João de Deus, de forma a verificar a sua grande popularidade na época²².

5.1. Descrição da edição de 1624

A obra de Frei António de Gouveia *Vida y muerte del bendito P. Ivan de Dios fundador de la orden de la hospitalidad de los pobres enfermos* apresenta como já se disse 223 fólhos, num só volume dividido em dois livros, com um total de 42 capítulos no primeiro, e 22 capítulos no segundo. Deste conjunto, 48 capítulos são dedicados a S. João de Deus e 15 à História da Ordem Hospitaleira. Importa precisar, ainda, que no capítulo 22 são incluídas cinco cartas do taumaturgo português²³ e três de João de Ávila.

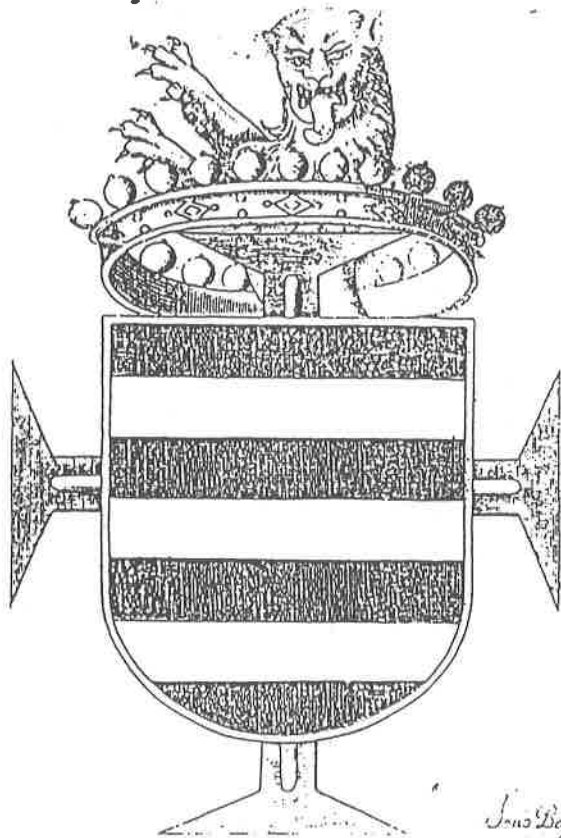
portugais avec les Dominicains arméniens au XVIIe. siècle», in *Romische Quartal Schrift fur Christliche Altertumskunde und Kirchengeschichte*, Band 70, Heft 1-2, Roma, 1975; *Idem*, «As embaixadas e as missões diplomáticas portuguesas na Pérsia», in *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2ª série, vol. 31, Lisboa, 1986; *Idem*, *Escritos Históricos*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1994; Manuel Cadafaz de Matos, «Dois António de Gouveia homónimos», in *Congresso Internacional da Asociación Española de Orientalistas* [organizado pela primeira vez em Portugal], Beja, 1990; Maria Piedade Tabora, «Relações de Portugal com a Pérsia», in *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, dir.º. de Luís Albuquerque, coord.º. de Francisco Contento Domingues, Lisboa, Editorial Caminho, vol. II, 1994, pp.889-892. Mais recentemente, com a publicação da obra *Trophea...*, da autoria do mesmo religioso de que aqui nos ocupamos, por José Pereira da Costa (Lisboa, Fundação Gulbenkian, Serviços de Educação, 1995), novas pistas se abriram para o conhecimento de tão erudito missionário.

²² A Biblioteca Nacional de Lisboa —na sequência do inventário das obras de tipografia portuguesa do século XVI (estabelecido por Maria Alzira Proença Simões)— tem em curso um levantamento sobre as obras impressas no nosso país no século XVII. Assim, para além da informação bibliográfica que iremos apresentar adiante (a da uma outra edição da biografia joandeína por A. de Gouveia, da responsabilidade do impressor Henrique Valente de Oliveira, de 1658), é provável que outras surpresas possam vir a ser reveladas neste mesmo domínio.

²³ Vide, M. GOMEZ MORENO, «Las Cartas del Santo», *San Juan de Dios, Primicias Históricas suyas*, Madrid, 1950. Já se encontrando, desde algum tempo, também em edição portuguesa todas as cartas conhecidas do santo de Montemor-o Novo, não deixamos também de considerar útil um aprofundado estudo das mesmas, designadamente daquela que foi dirigida à Duquesa de Sesa (e não consta de anteriores edições das mesmas).

HISTORIA
 DE LA VIDA, MUERTE,
 Y MILAGROS DEL GLORIOSO PATRIARCA
 y Padre de los Pobres
 S. JUAN DE DIOS,
 Fundador de la Orden de la Hospitalidad.

AL EXCELENTISSIMO SEÑOR DON JUAN
Mascareñas, Conde de la Torre, &c.



COMPUESTO POR D. FR. ANTONIO DE GOVEA, OBISPO DE SIRENE,
 Visitador Apostolico en Persia, del Consejo de S. Magestad, y su Predicador
 por la Corona de Portugal.

LISBOA. En la Oficina de Henrique Valente de Oliveira. Año 1658.

A taxa, aprovações, dedicatória, prólogo e tábua de matérias, ou índice, encontram-se na abertura da presente edição²⁴. Um dos poucos exemplares desta obra em Portugal —se não mesmo o único— encontra-se na Livraria Humanística de História de Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa — LHITIPOR²⁵, do autor.

A primeira edição da biografia, por Frei António de Gouveia, tem a particularidade de não apresentar as gravuras que, a partir de 1659, permitirão aos estudiosos a leitura —e retenção de uma memória visual— dos principais passos da vida e obra de S. João de Deus.

A partir de 1624, data da primeira edição desta obra, e até 1669 —ou seja num total de quarenta e cinco anos— ocorreram cinco edições da mesma em Espanha e uma outra em Portugal. Nesse mesmo período cronológico verificou-se, de igual modo, uma outra edição no Peru.

Distam oito anos entre a primeira e a segunda impressão deste livro de Gouveia, que se verificou em Madrid em 1632, da responsabilidade de Frei António de Mora. A terceira é de Cádiz, em 1647, e foi dedicada ao P. Sánchez de Alberola, Geral da Ordem Hospitaleira.

A edição de Lima ocorreu em 1649. Trata-se, segundo Sánchez Martínez, de uma repetição da segunda edição castelhana, da responsabilidade de Mora²⁶.

Referenciando Sánchez Martínez que a *quarta impressão* é a de Madrid de 1659, não podemos estar de acordo com essa informação. Ela verificou-se, antes, em Lisboa em 1658.

Nesse ano com efeito saiu impressa, na capital portuguesa, na oficina de Henrique Valente de Oliveira, nova edição, em língua castelhana, da biografia de S. João de Deus, de Frei António de Gouveia²⁷. Um exemplar desta obra integra, em Portugal, as coleções

²⁴ Também esta matéria de natureza bibliográfica, reconhecidamente da nossa especialidade, é tratada por S. M., in *op. cit.*, p. 47, n. 81.

²⁵ Este cimélio foi adquirido (em 1990), em Lisboa na Livraria Artes e Letras, à altura administrada por Carlos Velho.

²⁶ S. M., *op. cit.*, p. 47.

²⁷ O título desta obra (em língua castelhana, curiosamente, na edição lisboeta) é o seguinte em versão portuguesa: *História da Vida, morte, e milagres do glorioso patriarca e pai dos pobres S. João de Deus, fundador da Ordem da Hospitalidade*. Não deixa de se nos afirmar como deveras curioso que, nesse ano de 1658, o impressor Henrique Valente de Oliveira tenha composto e editado também a mesma biografia, em Lisboa, em língua castelhana. O texto publicado nesta cidade nesse ano corresponde na íntegra ao texto da edição madrilena de 1624. É acompanhado, para além de uma folha

da Comissão do V Centenário do Nascimento de S. João de Deus, da Ordem da Hospitalidade, no Telhal.

A quinta impressão (que Sánchez Martínez designa, imprecisamente, por *quarta*) teve lugar em Madrid em 1659. Trata-se da edição de Frei António de Mora, com algumas correcções e o trabalho de Frei Agostinho de Vitoria. A esta edição de 1659, voltaremos adiante, no que concerne às novidades de natureza iconográfica que comporta.

A sexta impressão (a 5^a de S. M.) é a de Madrid, de 1669, sob a responsabilidade de um *Religioso da mesma Ordem*, cujo nome não é no entanto divulgado.

A componente textual histórica sobre o taumaturgo português da autoria de Gouveia, não sofre quaisquer alterações em todo este conjunto de edições.

de rosto naturalmente autónoma, de duas páginas com as respectivas licenças de impressão.

Para se conhecerem os passos fulcrais desta edição vejamos a sequência das várias licenças dadas superiormente para a mesma, em sete fases (detendo-nos nós, aqui, apenas nos nomes dos principais intervenientes no processo):

[I] - Em S. Domingos de Lisboa, 20 de Fevereiro de [1]658, Frei Agostinho de Cordes.

[II] - 19 de Fevereiro de [1]658. Pacheco. Sousa. Rocha. Frei Pedro de Magalhães Castilho. [Mesmo que redigida esta nota um dia antes daquela, surge aqui posteriormente à mesma].

[III] - Pode-se imprimir. Lisboa, 9 de Março, [1]658.

[IV] - Lisboa, 13 de Março, [1]658. Mattos. Marchão. Sousa. Velho.

[V] - 12 de Julho, [1]658. Frei Gabriel da Silua.

[VI] - 12 de Julho, [1]658. Diogo de Sousa. Luís Álvares da Rocha. Pedro de Castilho.

[VII] - 16 de Julho, [1]658. Mattos. Monteiro. Velho.

Esta edição lisboeta integra ainda um texto de duas páginas contendo informações sobre a Ordem Hospitaleira no mundo naquela data. Ao nível de um discurso sincrónico —de alguma forma coincidente com o período em que havia ocorrido em Madrid a primeira edição da mesma biografia joandeína— entendemos inserir hoje, ou seja no presente estudo, também este contributo para a história da Ordem.

Sobre a actividade deste tipógrafo, de registar que ele já então se encontrava activo, dez anos depois de outro reputado impressor *lisboeta* Miguel Deslandes, natural de Thouars, França, se ter naturalizado português, com moradia, então, na Rua da Figueira, da paróquia de Nossa Senhora dos Mártires. Muito provavelmente Henrique Valente de Oliveira era, nestes meados do século XVII, na capital de uma monarquia recentemente restaurada, um sério concorrente de Deslandes na actividade tipográfica. Vide, a este respeito, «Miguel Deslandes», in Angela Maria Barcelos da Gama, «Livreiros, Editores e Impressores em Lisboa no séc. XVIII», Coimbra, *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Atlântida, 1968, p. 28.

Em 1631 —praticamente no momento em que ocorre a segunda impressão castelhana da obra de Gouveia (1632)— é vertida para a língua italiana. Baseando-nos uma vez mais nas informações de Martínez, constata-se que a segunda edição transalpina é de Nápoles, de 1641. Uma outra ocorre ainda em Roma em 1690, com breves modificações na sua tradução por Frei João M. Herrera. Estas traduções tomaram-se como base para edições populares, reduzidas: Veneza 1865 e 1876, Milão 1881, Lodi 1912, Roma, Desclée, 1920.

A tradução da mesma obra para a língua latina ficou a dever-se a Martin Hoffhuertu, tendo sido editada em Praga em 1640.

5.2. A quinta edição, de 1659 e o início de uma tradição iconográfica (o historial dos desenhos de Francisco Fernández e da gravuras que suscitaram)

Para se avaliar da iconografia de S. João de Deus, que ganha particular ênfase a partir de 1659 (ou seja da quarta edição), após a criação pelo pintor Francisco Fernández de uma série de desenhos que virão a ser habilmente aproveitados por três gravadores castelhanos, teremos de nos deter sobre o mais antigo esboço pictórico alusivo ao santo que foi impresso.

Data efectivamente de 1579 a impressão, na edição da *Bula* de Pio V em Granada, segundo apurou Juan Miguel Larios Larios, da primeira gravura que se crê alusiva ao santo de Montemor-o-Novo. Ela representa um humilde peregrino, ou eventualmente um pastor, de mãos postas, de cabeça descoberta e com um bordão apoiado no seu ombro direito que, de joelhos em terra, faz as suas orações diante do Cristo crucificado.

Essa gravura virá em 1585 a ser de novo utilizada, em Granada, pelo impressor António de Librixa —reproduzida no entanto em ordem inversa (pela técnica considerada «de espelho»: com o pastor, desta vez, à direita e Cristo à esquerda)— nos cadernos preliminares da primeira edição da biografia joandefina por Mestre Francisco de Castro.

Para um historial das ilustrações que, a partir da edição de 1659, passaram a dar um *outro* rosto a S. João de Deus —através das gravuras hoje internacionalmente conhecidas— teremos, efectivamente, de tomar como ponto de base os desenhos de Francisco Fernández,

castelhano, que Juan Miguel Larios Larios considera «discípulo malgrado de Vicente Carducho, e de um tal Diego Rodriguez»²⁸.

Foram os desenhos de Francisco Fernández que vieram motivar três gravadores, em actividade em Castela neste período, Pedro de Villafranca, Juan de Noort e Herman Panneels, a realizar as gravuras joandeínas que hoje são conhecidas dos especialistas.

Contrariamente ao que se tem escrito —em virtude de a primeira dessas formas artísticas impressas no século XVIII por Trinchería se encontrar acompanhada, no canto inferior esquerdo, de uma menção ao nome do gravador Palomino— a quase totalidade dessas gravuras são, na realidade, da autoria dos três referenciados artistas.

Ficou a dever-se ao exigente e criterioso trabalho de fundo levado a cabo por Larios a atribuição correcta de tais gravuras aos respectivos autores. Assim, de um total de trinta e sete gravuras inseridas na edição de 1659 —produzidas, segundo «as técnicas calcográficas, sendo traçados os desenhos sobre lâminas de cobre por meio de buril, procedimento que se denomina talha-doce»²⁹ (Larios, 1979, p. 56)— pode hoje considerar-se como seguro que para além do trabalho de Palomino, a esmagadora maioria delas são resultado do esforço dos três gravadores cuja obra passamos a identificar.

De Pedro de Villafranca³⁰ são as quinze seguintes gravuras:

- [1] «Nacimiento en Montemayor»;
- [2] «Pastor en Oropesa»;
- [3] «Aparición de la Virgen en Fuenterrabía»;
- [4] «Regreso de Hungría»;
- [5] «Aparición del Niño Jesús»;
- [6] «Prodigio en Fuenteovejuna»;
- [7] «Asistido por San Rafael»;
- [8] «Visión celestial en Guadalupe»;
- [9] «Lava los pies a Cristo»;

²⁸ Juan Miguel Larios Larios, *El claustro del Hospital de San Juan de Dios en Granada*, Granada, Diputación Provincial, Instituto Provincial de Estudios y Promoción Cultural, 1979, p. 57.

²⁹ Idem, *op. cit.*, p. 56.

³⁰ Trata-se, segundo Larios, de um pintor e gravador a buril, castelhano, que nasceu em Alcolea de Calatrava nos inícios do século XVII e faleceu antes de 1719 (referindo alguns investigadores que em 1690). Sobre este artista, que também utilizou o apeligo Malagón, vide também E. Bénézit, *Dictionnaire des peintres, sculpteurs, dessinateurs et graveurs*, Paris, nova ed., 1966, tomo VIII, p. 570.

- [10] «Conversión de mujeres públicas»;
- [11] «Ahuyenta al demonio con la oración»;
- [12] «Alumbrado por los ángeles»;
- [13] «Prodigio en casa del genovés»;
- [14] «Asistido por la Virgen y santos en el lecho de muerte»;
- [15] «Curación de una mujer en Málaga y conversión de un moro».

A Juan de Noort³¹ ficaram a dever-se as quinze seguintes:

- [1] «Tormenta en el Estrecho»;
- [2] «Conversión de Granada»;
- [3] «En el Hospital Real»;
- [4] «Prodigio en Guadalupe»;
- [5] «Coronado de espinas en el Sagrario de Granada»;
- [6] «Viste a niños desnudos»;
- [7] «Conversión de Antón Martín»;
- [8] «Asistido por ángeles»;
- [9] «Abofeteado por un joven»;
- [10] «Robo del jumentillo»;
- [11] «Rinde cuentas al Arzobispo»;
- [12] «Muere de rodillas»;
- [13] «Venerable Pedro Pecador»;
- [14] «Venerable Juan Pecador»;
- [15] «Confirmación de la Orden por Pablo V».

A Herman Panneels³² ficaram a dever-se, finalmente, estas cinco gravuras:

- [1] «Curación de una mujer en Oropesa»;
- [2] «Conversión de Simón de Avila»;
- [3] «Incendio del Hospital Real»;

³¹ Trata-se de um gravador a buril da Escola holandesa, que faleceu em Madrid, ainda segundo Larios em 13 de Junho de 1652 deixando o seu trabalho associada a várias obras históricas e religiosas. Vide E. Bénézit, *op. cit.*, tomo VI, p. 381.

³² Trata-se de um gravador flamengo, porventura formado pela Escola flamenga que, segundo o mesmo investigador, in *op. cit.*, p. 57, se estabeleceu provavelmente em Madrid no século XVII (colaborando com Castela pelo menos já desde 1638). Vide E. Bénézit, *op. cit.*, tomo VI, p. 503. Sobre a actividade de alguns dos mais distintos gravadores flamengos que estiveram activos até 1608, vide o Catálogo da Exposição *Fiamminghi a Roma, 1508-1608* [Comissário da Exposição (que esteve patente ao público em Bruxelas, no Palácio de Belas Artes, entre Fevereiro e Maio de 1995; e em Roma, no Palazzo delle Esposizioni, entre Junho e Setembro de 1995): Prof. Nicole Dacos, Milão, Skira Editore, 1995. De um total de 253 obras expostas, contavam-se 45 gravuras flamengas da época.

[4] «Prodigio del muerto sin sacramentos»;

[5] «Entierro en Granada»³³.

Foram estas gravuras que, no seu conjunto, vieram a ser objecto de alterações de pormenor nos anos 60 ou no início da década de 70 do século XVII. Tais gravuras *transformadas* beneficiaram de novo, com efeito, de impressão em Madrid, por parte do reputado impressor Joaquim Ibarra, na obra de Frei Manuel Trincharia, *Pasmosa vida, heroycas virtudes, y singulares milagros del Abrahan de la Lei de Gracia, Patriarca, y Fundador de la sagrada Religion Hospitalaria el glorioso San Juan de Dios*, Madrid, MDCCLXXIII³⁴.

Face ao conjunto das edições da vida de S. João de Deus por Castro, Frei António de Gouveia (atrás inventariadas) e por Frei Manuel Trincharia, importará, ainda, constatar quais as diferenças essenciais de conteúdo das mesmas. Tais diferenças perspectivam-se, essencialmente a dois níveis: por um lado, a distribuição não coincidente e, por outro a omissão de algumas passagens (como sucede por exemplo por parte de Castro em relação a Fuenteovejuna).

Essa diferenciação autónoma em cada uma das três biografias joandeínas assinaladas, foi objecto de um esquema comparativo em 1979, por parte de Larios. Ao leitor aqui apresentamos essas diferenças, com a devida venia, no respectivo quadro³⁵.

³³ Agradecemos a José Sánchez Martínez que, em amável carta que nos dirigiu em 1995, nos deu a conhecer parte do estudo que Larios —sem dúvida o maior conhecedor actual da iconografia joandeína— votou em 1979 a esta problemática.

³⁴ Desta obra existia em 1991, um exemplar (por nós consultado) na Biblioteca do Instituto Rainha D. Leonor, em Lisboa. Vide, a propósito, Manuel Cadafaz de Matos, *Um Homem de Nome João Cidade, Montemaiorense Culto e Livreiro e a Acção da Ordem de S. João de Deus em Terras do Indústão. Novos dados para a compreensão do problema*, Montemor-o Novo, 1991, pp. 114-115. O autor tem de momento em preparação um estudo em que procede à análise comparativa das gravuras preparadas por Palomino, Villafranca, Noort e Panneels (a partir dos desenhos de Francisco Fernández), em que procede a uma análise comparativa de tais expressões gráficas no conjunto de painéis de azulejos que se encontram no quartel da Guarda Nacional Republicana, na Rua das Janelas Verdes em Lisboa.

³⁵ Juan Miguel Larios, *El Claustro del Hospital...*, ed. cit., p. 172. Larios procedeu ao estabelecimento destas «três biografias fundamentais» (sic), respectivamente às de Castro, Gouveia e Trincheira, na medida em que, quando publicou a sua obra em 1979, ainda não era conhecido o texto da segunda biografía, escrita por Celli.

ESQUEMA COMPARATIVO DE LAS TRES BIOGRAFIAS FUNDAMENTALES

CASTRO	GOVEA	TRINCHERIA
Cap. I : NACIMIENTO	Cap. I : NACIMIENTO	Cap. I : NACIMIENTO
Cap. I : PASTOR EN OROPESA	Cap. II : PASTOR EN OROPESA	Cap. II : PASTOR EN OROPESA
Cap. I : EN FUENTERRABIA (no aparición)	Cap. III : PASTOR EN OROPESA	Cap. III : EN FUENTERRABIA
Cap. II : DE REGRESO (DE HUNGRIA) (no aparición)	Cap. III : EN FUENTERRABIA	Cap. III : DE REGRESO DE HUNGRIA
Cap. V : (no hay tormenta)	Cap. IV : DE REGRESO DE HUNGRIA	Cap. IV : TORMENTA EN EL ESTRECHO
Cap. VI : (no se le aparece)	Cap. VII : TORMENTA EN EL ESTRECHO	Cap. V : APARICION DEL NIÑO JESUS
Cap. VII : CONVERSION EN GRANADA	Cap. IX : APARICION DEL NIÑO JESUS	Cap. V : CONVERSION EN GRANADA
Cap. VIII : AZOTADO EN EL HOSPITAL	Cap. X : CONVERSION EN GRANADA	Cap. VI : AZOTADO EN EL HOSPITAL
Cap. X : (no se cita Fuenteovejuna, ni el prodigio. Sí la peregrinación)	Cap. XII : AZOTADO EN EL HOSPITAL	Cap. VI : EN FUENTEOVEJUNA
Cap. X : EN GUADALUPE (Sin prodigio)	Cap. XIV : EN FUENTEOVEJUNA	Cap. VI : EN GUADALUPE
Cap. XI : REGRESA A GRANADA POR BAEZA (no cita Oropesa)	Cap. XV : EN GUADALUPE	Cap. VI : EN OROPESA CURA...
Cap. XVII : (sin la asistencia del ángel)	Cap. XVI : EN OROPESA CURA A UNA MUJER	Cap. VII : EN EL SAGRARIO
	Cap. XVIII : EN EL SAGRARIO DE GRANADA	Cap. VII : ASISTIDO POR UN ANGEL
	Cap. XX : ASISTIDO POR UN ANGEL LLEVANDO UN POBRE A CUESTAS	Cap. VIII : SAN RAFAEL LE SUMINISTRA PAN
	Cap. XX : SAN RAFAEL LE SUMINISTRA PAN	Cap. VIII : VISTE A NIÑOS DESNUDOS
	Cap. XXI : VISTE A UNOS NIÑOS DESNUDOS	Cap. VIII : ENTIERRA...
	Cap. XXII : ENTIERRA A UN MUERTO ABANDONADO	Cap. VIII : LAVA LOS PIES...
	Cap. XXII : LAVA LOS PIES A UN POBRE	Cap. VII : MUDA EL HABITO...
Cap. XVII : MUDA EL HABITO Y TOMA EL SOBRENOMBRE DE DIOS	Cap. XXII : MUDA EL HABITO Y TOMA EL SOBRENOMBRE DE DIOS	Cap. VIII : CONVERSION DE ANTON MARTIN
	Cap. XXIII : CONVERSION DE ANTON MARTIN	Cap. VIII : CONVERSION DE SIMON DE AVILA
	Cap. XXV : CONVERSION DE SIMON DE AVILA	Cap. VIII : CONVERSION DE LAS MUJERES...
Cap. XIII : CONVIERTE A MUJERES PUBLICAS	Cap. XXVI : CONVIERTE A MUJERES PUBLICAS	Cap. IX : INCENDIO DEL HOSPITAL
Cap. XIV : EL INCENDIO DEL HOSPITAL	Cap. XXVIII : EL INCENDIO DEL HOSPITAL REAL	Cap. XI : ABOFETEADO POR UN JOVEN
Cap. XV : ABOFETEADO POR UN JOVEN	Cap. XXXV : ABOFETEADO POR UN JOVEN	Cap. XI : LE ROBAN EL BURRO
	Cap. XXXVII : LE ROBAN EL BURRO	Cap. XII : ENFERMO QUE MUERE...
	Cap. XLI : ENFERMO QUE MUERE SIN SACRAMENTO	Cap. XII : ALUMBRADO POR LOS ANGELES
	Cap. XLII : ALUMBRADO POR LOS ANGELES	Cap. XII : PRODIGIO EN CASA DE UN GENOVES
	Cap. XLII : PRODIGIO EN CASA DE UN GENOVES	Cap. X : RINDE CUENTAS AL ARZOBISPO
Cap. XX : RINDE CUENTAS AL ARZOBISPO	Cap. I (2.ª P.) RINDE CUENTAS AL ARZOBISPO	Cap. X : ASISTIDO POR LA VIRGEN
Cap. XX : MUERTE DE RODILLAS	Cap. II (2.ª P.) ASISTIDO POR LA VIRGEN...	Cap. X : MUERE DE RODILLAS...
Cap. XXI : ENTIERRO	Cap. II (2.ª P.) MUERTE DE RODILLAS...	Cap. X : ENTIERRO
	Cap. III (2.ª P.) ENTIERRO	

6. A presente edição (a primeira em língua portuguesa)

No período em que decorre a passagem do V Centenário do nascimento de S. João de Deus tem lugar —em paralelo com outras iniciativas de temática congénere realizadas em Espanha— a primeira edição em língua portuguesa deste texto de Frei António de Gouveia, da responsabilidade de Edições Távola Redonda (Rua Tomás da Anunciação, 109-3º, 1350 Lisboa) e da Editora Hospitalidade.

Entendeu-se de utilidade para o leitor inserirem-se no presente volume todas as cartas até hoje conhecidas da autoria de S. João de Deus. A sua leitura —de um ponto de vista de *estado de ciência* actualizado dos conhecimentos joandeínos— cremos poder também ser útil aos investigadores.

A tradução, da responsabilidade de Moreira de Andrade, procurou respeitar, tanto quanto possível, a clareza e ritmos de discurso de Frei António de Gouveia na língua de redacção original, o castelhano.

Cremos que, com a presente obra, os estudiosos da espiritualidade portuguesa e peninsular seiscentista, em particular os investigadores que se dedicam à causa joandeína, passam a dispôr, a partir de agora, de mais um importante instrumento de trabalho³⁶.

ADENDA FINAL:

Já após conclusão da redacção do presente estudo tivemos ensejo de analisar um dos poucos exemplares conhecidos da edição de 1659 da biografia de S. João de Deus por Frei António de Gouveia, existente na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa. Pudemos assim concluir que —dando-se até o caso de tan espécie se encontrar num relativo bom estado— nao se incluir, nela, nenhuma gravura. Tal matéria carecerá, portanto, de futuras investigações neste específico âmbito iconografico.

³⁶ O autor deseja formular especiais agradecimentos na prossecução dos objectivos do presente trabalho: ao Dr. José Sánchez Martínez, pelas prontas informações prestadas sobre questões que se prendem com a iconografia joandeína (a partir das investigações do Dr. Juan Miguel Larios Larios); e muito em particular ao Padre Dr. Aires Gameiro, Presidente da Comissão Portuguesa do V Centenário do Nascimento de S. João de Deus, bem como pelo convite à realização do presente trabalho e pelos respectivos incentivos morais.

